



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Pedro Henryque Amorim Gabina Dias

O RAP COMO FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICO-POLÍTICA

Rio de Janeiro

2018

Pedro Henrique Amorim Gabina Dias

O RAP COMO FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICO-POLÍTICA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador: Flávio Henrique Marcolino da Paixão.

Co-Orientador: Marcello de Moura Coutinho.

Rio de Janeiro

2018

Dedico essa monografia a minha família, aos meus amigos e a todos que me ajudaram na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores, Flávio Henrique Marcolino Paixão e Marcello de Moura Coutinho, por tornar possível a realização do trabalho e pôr estarem sempre presentes para me auxiliar acadêmica e psicologicamente na construção de tal monografia. Agradeço também a Leandro Medrado e a Jeanine Bogaerts que fizeram parte das bancas avaliadoras que contribuíram ricamente na elaboração desta obra.

Agradeço a todos meus professores pelo conhecimento e apoio fornecido ao longo desses quatro anos que me tornaram apto à realização de tal trabalho.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional que foi de extrema ajuda na realização deste trabalho, pela oportunidade de realizar tal obra e por proporcionar encontros que alteraram o rumo de minha vida. Agradeço também ao programa de iniciação científica do CNPq (PIBIQ / CNPq) da Escola Politécnica pela ajuda financeira que auxiliou nas despesas do trabalho.

Agradeço a minha família, Boris Gabina Dias, Maria de Fatima Amorim Gabina Dias e Matheus Henryque Amorim Gabina Dias, por proporcionar oportunidades de crescimento pessoal e apoio incondicional em toda minha vida, incluindo na minha vida acadêmica. Agradeço a todos meus amigos que foram essenciais para a conclusão deste trabalho pois sempre estavam presentes nessa jornada e por todo apoio emocional e acadêmicos fornecidos pelos mesmos, que me proporcionaram momentos de felicidade e reflexão.

*Qualquer coisa que eu venha falar do Rap
eu vou diminuir ele,
não tô à altura de
falar sobre o Rap.
(Criolo)*

RESUMO

O presente estudo compreende o Rap (“Ritmo e Poesia”), enquanto expressão artístico-política do Movimento Hip Hop, bem como de uma parcela da sociedade marginalizada, em contraponto à imagem preconceituosa e discriminatória sofrida por este gênero musical. Entende-se que, o preconceito sofrido pelo Rap ao longo de sua trajetória tem relação com aspectos ligados, principalmente, a sua musicalidade oriunda do Reggae e ao conteúdo das letras. O conteúdo das letras, na origem do Rap diz respeito aos discursos de resistência sociocultural, denúncia de repressão policial e do Estado, racismo, machismo, interseccionalidade, religião, sexualidade e vida afetiva. Além disso, o Rap também sofreu influência da indústria cultural, tendo passado por transformações que são criticadas por parte daqueles que produzem o chamado “Rap de denúncia”. Deste modo, a tensão entre o “Rap comercial” e o “Rap de denúncia” é objeto deste estudo monográfico.

Palavras-chave: Rap; Movimento Hip Hop; Expressão Artístico-Política.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO DO RAP: A ORIGEM NOS EUA.....	11
CAPÍTULO 2 – O RAP NO BRASIL.....	16
CAPÍTULO 3 – A COMERCIALIZAÇÃO DO RAP.....	20
CAPÍTULO 4 – O RAP COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICO-POLÍTICA.....	26
CAPÍTULO 5 – NOTAS METODOLÓGICAS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende contribuir na compreensão do Rap (“Ritmo e Poesia”), enquanto expressão artístico-política de uma parcela da sociedade marginalizada, em contraponto à imagem preconceituosa e discriminatória, de que este gênero musical faz apologia a ações criminosas, perspectiva observada inclusive, no convívio social do autor.

Esta perspectiva tem íntima relação com temáticas originadas no universo Rap estadunidense que foram desdobramentos do mesmo, tais como, discursos de resistência sociocultural, denúncia de repressão policial e do Estado, crítica ao racismo, combate machismo (no caso das rappers), interseccionalidade e religião, bem como sexualidade e vida afetiva.

O Rap pode ser considerado uma vertente musical do Hip Hop, sendo portanto, fruto da união de três de seus quatro pilares: *Disc-Jockey* (DJ), *Master of Ceremonies* (MC); e, *B-Boying* (representantes de *Break Dance*). Por sua vez, entende-se o Hip Hop como um movimento de resistência cultural e de expressão artístico-política que, além dos pilares citados anteriormente conta com o *Graffiti* (“Grafite”), conforme Leal (2007).

No tocante ao entendimento acerca do conceito de “movimento resistência cultural e de expressão artístico-política” foi utilizada a concepção da socióloga Maria da Gohn, pois está articulada às características de movimentos sociais. Portanto, o Rap e de forma mais ampliada, o Hip Hop representam mais do que movimentos artísticos, mas também culturais e identitários com intencionalidades e formas próprias de expressão. Desse modo, Gohn (2009, p.14) afirma que:

Um movimento social é sempre expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases; lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações.

Nesse sentido, o Rap possibilitou a expressão artístico-política de grupos socioeconomicamente desfavorecidos, por conta do cenário de desemprego pós-industrial nos Estados Unidos da América (EUA). Assim, o preconceito sofrido pelo Rap ao longo de sua

trajetória tem a ver com variados aspectos, entre os quais podemos citar a musicalidade oriunda do Reggae e o conteúdo das letras (violência, sexo, drogas, política, entre outros temas).

Esse contexto pode ser atribuído, principalmente, a um processo chamado de criminalização da pobreza, fenômeno social associado ao racismo, no tocante à compreensão de uma relação direta entre, pobre, negro e criminalidade. Compreensão esta, a que o Rap procurou responder e denunciar, enquanto expressão artístico-política.

A este respeito Silva (2014, p.571) coloca que:

(...) começaram a aparecer pessoas que criavam rimas em cima das batidas. Temas como violência, sexo, drogas e política passaram a ser desenvolvidos nesses versos, já delineando a função social que o rap assumiria, numa técnica improvisada da Jamaica, onde já existia uma tradição no reggae de improvisar em cima de instrumentos musicais.

O estudo pretende ainda, analisar como o Rap vem sendo desenvolvido no contexto brasileiro. Nesse sentido, Herschmann (2017, p. 109) afirma o seguinte:

Raps de 'denúncia' e as *funk melody* que fazem grande sucesso nos bailes e nos programas especializados de TV e rádio parecem ter sido esquecidos temporariamente pelos jornalistas e autoridades. Na realidade, a referência às armas, a infantilização do 'clima de terror' (expressa no tipo de personagens e no uso de cantigas de roda como 'bases' dos raps), pedidos de liberdade e justiça num discurso vitimizante que faz referência ainda aos morros, mortes, miséria e pobreza, são temáticas sociais constantes que aparecem ao lado de outras igualmente banais e cotidianas), mas fundamentais que falam de 'paz' e de 'encontros' e 'desencontros' amorosos.

Portanto, compreende-se que o Rap pode ser um estratégico canal de denúncia, desempenhando, uma significativa função social. Com efeito, o Rap precisa ser estudado e analisado, para que com o tempo a imagem preconceituosa seja desconstruída e mais pessoas possam encontrar nele uma forma de expressão artístico-política.

Cabe destacar, que a motivação para pesquisar o tema em questão surgiu na infância, quando o autor ouvia Rap com o seu tio materno durante os passeios de final de semana, o que despertou o gosto e o interesse em estudá-lo mais profundamente.

Cumprir informar, que a formação politécnica em Análises Clínicas desta Escola permitiu a articulação das questões sociais com os aspectos técnicos, possibilitando a imersão em um tema

que, em primeira instância parece incompatível com o curso na referida área. Contudo, é possível afirmar que, o autor poderá ser um futuro profissional técnico de Análises Clínicas capaz de compreender a realidade social e intervir na sociedade criticamente.

A monografia está estruturada da seguinte forma: **Capítulo 1 – O Surgimento do Rap: A origem nos EUA; Capítulo 2 – O Rap no Brasil; Capítulo 3 – A comercialização do Rap; Capítulo 4 – O Rap como Expressão Artístico-Política; Capítulo 5 – Notas Metodológicas; Considerações Finais; e, Referências.**

Para o desenvolvimento do estudo procurou-se responder a seguinte questão norteadora: *“Em que medida, o Rap sendo mais comercial perde sua essência, enquanto expressão artístico-política?”*, entendendo ser necessário identificar a tensão entre o “Rap comercial” e o “Rap de denúncia”.

CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO DO RAP: A ORIGEM NOS EUA

No contexto de surgimento do Rap há elementos da cultura jamaicana, sendo que na década de 1960 nas “festas de rua” (*block parties*) dos guetos locais já eram colocados sistemas de som, que em sua origem eram alto-falantes empilhados ou dentro de carros. Nessas festas havia três figuras principais, os *toasters* (responsáveis pelos improvisos nas *block parties*) que declamavam versos improvisados expondo a realidade vivida por eles, o DJ que declamava versos escritos, e os *selectors* que tocavam os instrumentais (LEAL, 2007).

Dez anos mais tarde, na década 1970 ao tentar fugir de uma crise econômica e social em sua nação, diversos jamaicanos migraram para os Estados Unidos. Ao chegarem em solo estadunidense, devido ao contexto segregacionista racial presente na época, foram excluídos socialmente e acabaram morando nos guetos de bairros periféricos, entre eles o Bronx, local de nascimento da cultura Hip Hop.

Vale ressaltar, que o Bronx é um dos cinco distritos de Nova York, separado de Manhattan pelo rio Harlem, sendo considerado um gueto negro. Segundo Wacquant (2018), um gueto negro, em sua forma tradicional era uma instituição de dupla face. Isto porque, mesmo forjado com o propósito essencial de “confinamento” e “controle”, apresentava características de proteção e integração.

Assim, o sociólogo francês entende que no quadro progressivo de degradação dos bairros negros houve a “passagem do gueto comunitário ao hipergueto”, conjugando três fatores principais: 1) despacificação da vida social (aumento dos índices de crime contra a vida); 2) desdiferenciação social (esgarçamento do tecido organizacional dos bairros do gueto); e, 3) informalização econômica (diminuição da oferta de emprego e precariedade das políticas de auxílio social, promovendo o crescimento de atividades comerciais de toda a ordem, inclusive no campo da ilegalidade).

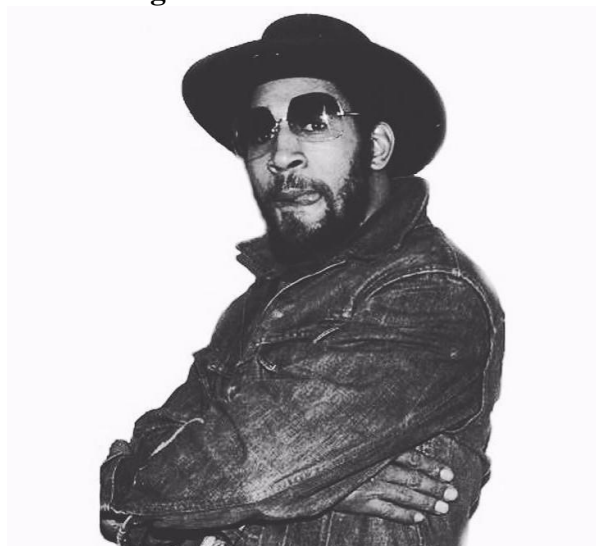
O hipergueto então, como o Bronx, teria por sua vez, a constituição relacionada ao enrijecimento das fronteiras fiscais, sendo que com a dissolução do caráter comunitário das instituições internas do gueto, este passa a ser de certo modo, um “depósito” de seres humanos e máquina política de banimento social. Contudo, Loureiro (2017, p. 421) afirma que:

(...) é possível considerar a aglutinação nas *block parties* e o nascimento do movimento Hip Hop como reação interna às tendências de despacificação e erosão das relações comunitárias na passagem do 'gueto' ao 'hipergueto'.

Com base no filme “Rubble Kings” (2010), é possível afirmar que, o estopim do Hip Hop foi em meados dos anos 1970, na época em que nos guetos havia carência de muitos serviços sociais, entre eles podemos destacar saúde, educação e infraestrutura. Esse ambiente vulnerável socioeconomicamente e, com pouca presença do Estado tinha seu território repartido, sob o domínio de diversas gangues armadas que disputavam territórios e respeito.

Em 11 de agosto de 1973, segundo o filme “Hip Hop Evolution” (2016), o DJ Clive Campbell, também conhecido como “Kool Herc”, com as autorizações das gangues locais, produziu em um apartamento na avenida Sedgwick, o que *a posteriori* ficou conhecida como a primeira festa de Hip Hop, devido à forma com que tocava os vinis da “Disco” (gênero de musical muito popular na época), tocando apenas o *break* (partes principais das músicas), essas festas se tornaram frequentes, dando origem a inúmeros DJs inspirados na maneira como Kool Herc tocava. Kool Herc foi reconhecido como o primeiro DJ, além de ser o criador de duas técnicas muito famosas no Hip Hop, prolongar os instrumentais e utilizar dois toca-discos.

Figura 1 - Koll Herc



Fonte: VISIT ‘HIP-HOP BOULEVARD,’ DJ KOOL HERC’S CHILDHOOD HOME (2016)

Nessas festas surgiram mais dois pilares do Hip Hop, o *break dancer* (nome relativo ao *break* das músicas) e ao Mestre de Cerimônia. O *break dancer* surgiu espontaneamente com

batalhas de danças nas festas. Segundo Leal (2007), a ideia do Mestre de Cerimônia foi importada da Jamaica e introduzida nas festas de Hip Hop pelo DJ Kool Herc, tendo como primeira figura, o MC “Coke La Rock” (primeiro MC rapper), contratado por Herc para entreter o público, junto com Clark Kent.

Figura 2 - Coke La Rock



Fonte: DJ Kool Herc amp Coke La Rock Dec 17 1976 (2018)

O Hip Hop acabou se transformando então, numa forma efetiva de expressão, pois conforme o relatado no filme “Rubble Kings” (2010), abordava a realidade vivida nos territórios periféricos.

Porém, as vozes do Hip Hop só conseguiram se desenvolver de fato quando uma gangue conhecida como Ghetto Brothers obteve êxito na tentativa de instaurar uma trégua nos graves conflitos. Essa “paz” fez com que os moradores do Bronx conseguissem transitar por seu território. Desse modo, os eventos ligados à cultura Hip Hop ficaram mais populares por meio de encontros, festas, batalhas líricas, danças, artes urbanas, além de outras manifestações artísticas.

Uma importante figura no surgimento do Hip Hop foi o DJ Afrika Bambaataa (pseudônimo de Kahyam Aasim). De acordo com Fernandes (2018), Bambaataa foi um célebre músico com relevante função social, tendo criado o movimento Hip Hop. Ele nasceu no lado sul do Bronx, bairro considerado, entre os anos de 1960 e 1970, um dos mais violentos de Nova York.

Figura 3 - Afrika Bambaataa



Fonte: Daily mail (2016)

Este autor informa ainda, que Bambaataa estabeleceu os elementos ideológicos do movimento fundamentando-o na luta política de grandes líderes da história afro-americana, tais como Malcom X, Panteras Negras, Louis Farrakham e Martin Luther King.

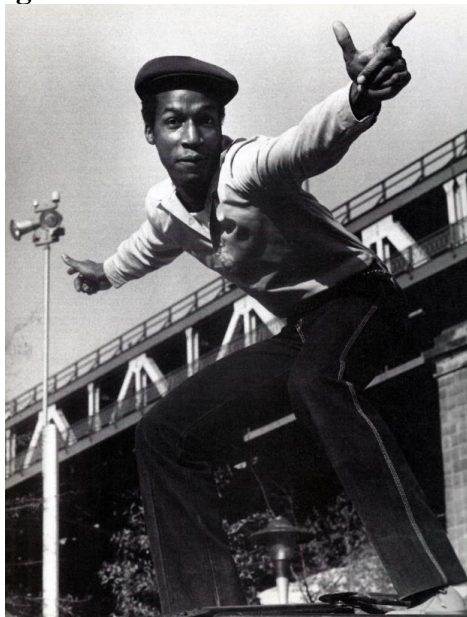
Segundo Leal (2007) com o enfraquecimento das gangues (grupos organizados dos guetos negros), inclusive da sua (*Black Spades*), Bambaataa criou uma organização para o Hip Hop, chamada de Bronx River Organization, depois The Organization, sendo reorganizada posteriormente, passando a ser denominada finalmente Zulu Nation. Nesta organização foram reunidos inúmeros MCs, DJs, dançarinos e grafiteiros que acreditavam no lema: **“Paz, Amor, União e Diversão”**.

Vale ressaltar, que esta organização ainda está ativa, promovendo diversos trabalhos comunitários, como atividades relacionadas à cultura Hip Hop e palestras que eram chamadas de *Infinity Lessons* (**“Lições Infinitas”**), as quais possuíam um grande potencial educativo, em razão de abordar variados temas como prevenção de doenças e até matérias do currículo escolar, como matemática, ciências, entre outras.

Outra importante figura para o Rap foi o DJ Joseph Saddler, também conhecido como “Grandmaster Flash”, que inventou um sem-número de técnicas revolucionárias para a época, as quais transformaram o toca-discos em um instrumento. Cabe destacar, que estas técnicas consistiam na forma de voltar ao *break* da música. Antes dessa inovação, os DJs focavam na agulha, o que gerava um momento de silêncio, porque não conseguiam voltar à parte certa das músicas. Por sua vez, “Grandmaster Flash” focou no disco, marcando-o com um giz de cera,

contando quantas vezes a agulha passava pela marca com giz, pois quando precisava voltar para o início do *break*, rodava o disco no sentido contrário ao número de vezes que tinha passado.

Figura 4 - GrandMaster Flash



Fonte: Getty Images (2018)

O Rap vem se tornando cada vez mais popular, principalmente entre os jovens, ao relatar a realidade vivida pelos moradores de bairros periféricos, onde o Estado é pouco atuante, favorecendo a expressão de suas questões, condições de vida e aspirações. No **Capítulo 2** será discutida a experiência do Rap no Brasil.

CAPÍTULO 2: O RAP NO BRASIL

O título de primeiro Rap brasileiro foi concedido à música “**Deixa isso pra lá**”, eternizada pelo cantor popular Jair Rodrigues, porém na época, ainda não se sabia que a música em questão era um Rap, o título foi concedido posteriormente devido à música possuir versos mais declarados do que cantados, com uma batida de fundo. Cumpre mencionar, que este marco histórico é um consenso apenas midiático.

De acordo com a literatura estudada, o movimento Hip Hop começou de fato no Brasil na década 1980, quando um grupo de *B-Boys* conhecido como “Funk & Cia.” criado pelo dançarino Nelson Triunfo, vai para as ruas de São Paulo. Em um primeiro momento instalou-se em frente ao Teatro Municipal, porém devido a problemas estruturais, acabou sendo acomodado na Galeria 24 de Maio¹.

Anos mais tarde, devido a um problema de saúde, Nelson Triunfo se afasta do movimento. Os líderes temporários decidem buscar um novo local, com melhores condições, como por exemplo, abrigá-los da chuva. O local escolhido foi a estação de metrô da São Bento, a qual era lugar de encontro de outros dois movimentos, o punk e o skatista.

Na nova localidade, o Hip Hop como um todo começou a se desenvolver, grupos de grafite fizeram os seus primeiros trabalhos, sendo que importantes expoentes do Rap nacional começaram a se interessar pelo movimento, tais como Altair Gonçalves, ou como era conhecido Thaíde, que começou a frequentar como *B-Boy* e algum tempo depois iniciou o movimento lírico na estação. Vale ressaltar, que em 1987, Thaíde e DJ Hum principiaram suas carreiras no Rap. E, outra importante figura para o Rap que teve como berço, a estação da São Bento foi o Pedro Paulo Soares Pereira, mas conhecido como Mano Brow, líder do grupo Racionais MC’s. Em entrevista relatada no livro *Acorda Hip Hop*, Mano Brow conta como foi o seu início no mundo do Rap:

A minha raiz mesmo foi nos bailes da Chic Show, no Asa Branca de Pinheiros, Clube da Cidade, e outros bailes que eu frequentava antes, na Zona Sul. Onde tocava música negra, eu tava! O movimento dos caras da minha época era curtir os bailes! Quando eu conheci a São bento, eu ainda ia nos bailes. A primeira

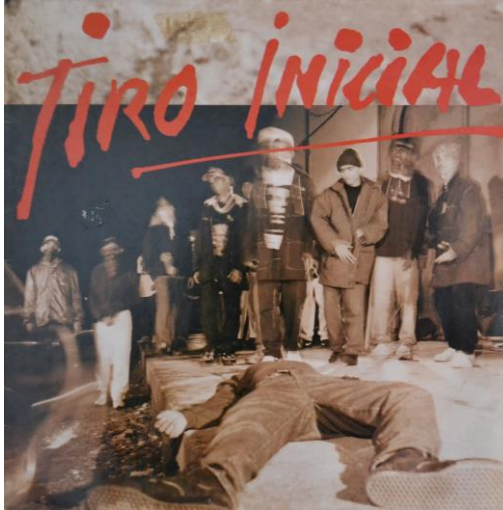
¹ Com o nome oficial de Galeria Presidente, também é conhecida como Galeria do Rock, mas ao longo dos últimos anos o rock vem perdendo espaço para a cultura *black*, fazendo com que muitos de seus frequentadores sejam imigrantes africanos. Além disso, a Galeria foi um importante local para o começo do movimento Hip Hop.

música que eu fiz foi pra entrar num concurso da Chic Show, no Clube da Cidade. Desse concurso eu não participei, porque eu não tinha um tênis. Eu queria subir bonitão, no estilo igual os caras da São Bento, mas eu não tinha o tênis, então fiquei com vergonha de participar. Quando teve o concurso no Asa Branca, aí eu e o Blue entramos, e lá nós ganhamos o concurso. Então, quando a gente foi para a São Bento, nós já tínhamos ganhado o concurso no Asa, mas eu não falava nada pra ninguém e ficava na minha. Aí, eu comecei a escrever as minhas letras e, na época, não tinha ainda o Racionais, era só eu e o Blue e o nome do grupo era “B. B. Boys” [Bad Black Boys], Os Meninos Maus Negros [risos]. Nós éramos maus mesmo... [tom de ironia] (LEAL, 2007, p. 154).

Em 1988 ocorreu uma separação no movimento da São Bento, os rappers que frequentavam o lugar se realocaram na Praça Roosevelt, no centro de São Paulo, e nessa praça o Rap finalmente assumiu um papel protagonista, pois como foi dito por Mano Brown “embora houvesse outras práticas voltadas ao Hip Hop, o Rap ele tem voz!” (LEAL, idem, p. 154). A partir desse ponto, embora tendo passado por altos e baixos, o Rap começou a se tornar cada vez mais popular pelo público, passando a ser de interesse midiático em razão do apelo comercial.

No Rio de Janeiro, esse estopim se deu de forma dispersa, com diversos grupos espalhados por seu território. Em 1992 isso mudou quando o grupo de MCs, ATCON (Associação Hip Hop – Atitude Consciente) começou um processo de unificação do Rap carioca. Essa associação utilizava as instalações do CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas), tendo como objetivo servir como “posse” (locais de encontro). A referida parceria rendeu frutos, conseguindo posteriormente lançar o primeiro disco de Rap carioca, o “Tiro Inicial”.

Figura 5 - Tiro Inicial



Fonte: Disco Furado (2014)

No dia 20 de julho de 1993, em uma comunidade chamada Cidade de Deus aconteceu o primeiro grande evento voltado à cultura Hip Hop do Rio de Janeiro. O I CDD SOS Consciência teve a participação de muitos MCs importantes para o movimento, e o grafiteiro Padrão que ficou encarregado de fazer uma obra em um mural. Nesse mesmo ano, um grupo de Rap chamado “Planet Hemp” fez seus primeiros shows, falando sobre assuntos considerados tabus para a época, como a legalização da maconha.

Segundo o que foi apresentado no filme “O Som do Tempo” (2017), a migração do Rap carioca para os bairros da Lapa² ocorreu dentre outros fatores, por conta visão empreendedora de Elza Cohen, proprietária de uma famosa casa de show da Lapa, a qual começou a realizar eventos de cultura Hip Hop. A ideia era fazer uma “Rave Hip Hop”. Cohen foi uma importante figura no Hip Hop carioca, devido a sua importante contribuição ao processo de unificação do mesmo, em um projeto chamado “Zoeira Hip Hop”, no qual reunia diversos pilares da cultura. A partir desse momento, no referido bairro, onde muitos MCs se reuniam em festas e “batalhas líricas”.

Logo em seguida, o Rap e a cultura Hip Hop como um todo começaram a ser disseminadas, porém no Brasil, o Rap não é a única forma de expressão periférica, podemos destacar no contexto do Rio de Janeiro o funk, o pagode, o samba, dentre outros gêneros musicais.

² A Lapa é um bairro boêmio situado na região central do município do Rio de Janeiro.

Não obstante, a indústria cultural ao longo do tempo, também assimilou os gêneros musicais citados, transformando-os parcialmente em “mercadorias”, o que impactou sensivelmente no conteúdo das letras, melodia e estética. O Rap parece ter sido menos afetado, mas também conta com representantes midiáticos que buscam fama, sucesso e ascensão financeira. Esta questão será abordada no **Capítulo 3 – A Comercialização do Rap**.

CAPÍTULO 3 – A COMERCIALIZAÇÃO DO RAP

Atualmente, é impossível negar que o Rap como um todo vem se tornando cada vez mais popular entre as diversas parcelas da sociedade, embora tenha passado por muitas adversidades ao longo de sua história. Desse modo, há possuímos inúmeros exemplos de sua expansão e reconhecimento.

Uma evidente demonstração dessa valorização pode ser vista no sucesso de venda do álbum – “Sobrevivendo no Inferno”, do grupo Racionais MC’s. Lançado em 1997 pela Cosa Nostra, uma gravadora independente de São Paulo, que embora não possuísse muitos meios de divulgação vendeu 1.500.000 cópias, chegando após 21 anos a ser incluído na lista de leituras obrigatórias para os vestibulares da Universidade Estadual de Campinas³ (UNICAMP).

O álbum “Sobrevivendo no Inferno” é considerado um dos discos mais importantes de Rap nacional, sendo chamado até de “Bíblia do Rap nacional”, essa importância pode ser identificada em distintas ocasiões, como em relatos de pessoas influentes para o Rap nacional ou por ter sido dado como presente ao Papa Francisco em 2015. O álbum em questão foi o responsável por colocar o Rap em um local de destaque, comparando-o com os outros estilos musicais antes presentes no cenário musical, devido ao fato de que a sua influência transpassou o seu próprio universo, expandindo o público e disseminando-o no Brasil.

³ Conforme matéria do portal de notícias G1: “Racionais MC's comemora ‘Sobrevivendo no Inferno’ no vestibular da Unicamp: ‘Periféria ocupando a Academia’”. Acesso em: 18 set 2018. Link: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/racionais-mcs-comemoram-sobrevivendo-no-inferno-no-vestibular-da-unicamp-periferia-ocupando-a-academia.ghtml>>.

Figura 6 - Sobrevivendo no Inferno



Fonte: RACIONAIS MC'S – SOBREVIVENDO NO INFERNO (2018)

Outro exemplo recente desse desenvolvimento ocorreu nos desfiles do São Paulo Fashion Week⁴ de 2016 e 2017, onde a Laboratório Fantasma, empreendimento misto de gravadora, editora, fábrica de roupas e acessórios criado pelo rapper Emicida que reúne muitas figuras da cena do Hip Hop nacional, conseguiu espaço para fazer um desfile no mais importante evento de moda da América Latina e, na quinta maior Fashion Week do mundo.

Figura 7 - Desfilhe do São Paulo Fashion Week 2016



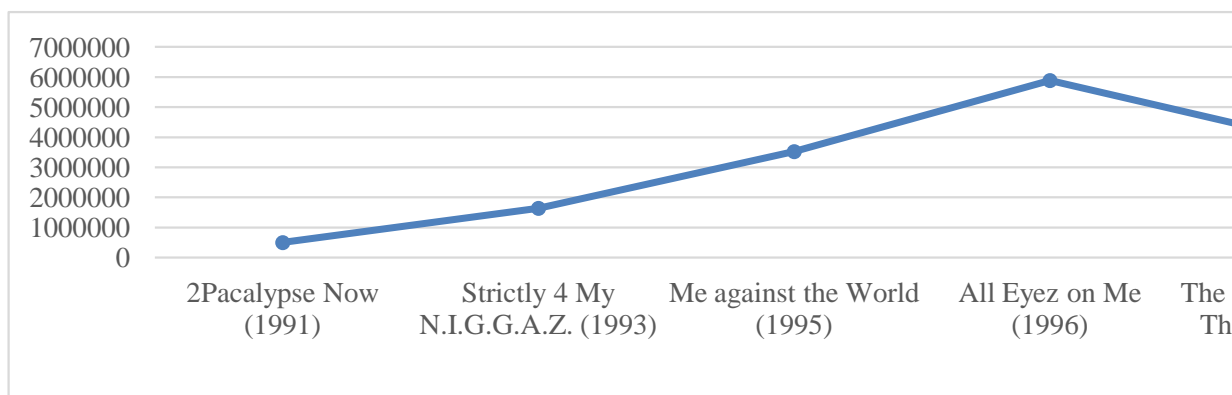
Fonte: SPFW – “Hoje é o dia da favela invadir o fashion week!”, mandou Emicida na estreia da Lab (2016)

Vale ressaltar, que embora os exemplos citados sejam exemplos nacionais, o mesmo processo ocorreu com o Rap estadunidense, como podemos ver no gráfico a seguir, no qual é identificado o número de vendas para cada álbum do MC Tupac Sakur (estadunidense), mais

⁴ São Paulo Fashion Week é um evento de moda que ocorre em São Paulo.

conhecido por 2PAC, seu nome artístico. Pode-se visualizar no gráfico a seguir, um crescente no número de vendas dos álbuns do rapper com o passar dos anos, demonstrando assim, a maior popularidade que Tupac ganhou com o passar dos anos. Observa-se, que 2PAC não foi um caso isolado, pois essa crescente de vendas pode ser vista em todos os grandes MCs do período analisado.

GRÁFICO - VENDAS DE ÁLBUNS DO ARTISTA TUPAC SHAKUR (1991-1996)



Fonte: <http://www.xxlmag.com/news/2011/09/tupac-month-2pacs-discography/>.

Um fator que retardou o crescimento do Rap desde seus primórdios foi o preconceito sofrido em vários aspectos, seja pelo conteúdo de suas letras ou pela musicalidade do mesmo. Musicalidade é um conceito muito amplo para ser abordado de forma completa nesse trabalho, logo adotaremos o conceito de musicalidade do Dicionário Online Dicio, para o qual, musicalidade é um “encadeamento harmonioso”, e por harmonioso entende-se algo “que aprazível de se ouvir ou ver”.

No tocante aos conteúdos das letras, a maior crítica se dá pela afirmação de que as músicas falam apenas de assuntos triviais e, de um certo modo fazem apologia a crimes e às drogas. Já no que diz respeito à musicalidade, uma destacada queixa se dá pelo fato de que em seu princípio, o Rap possuía pouca musicalidade, como por exemplo, o fato das letras terem uma tendência maior de ser declaradas do que propriamente cantadas.

Em uma entrevista no *blog*⁵ especializado Bocada Forte (BF), MC Renan do grupo de Rap “Inquerito” (grupo que mantém uma postura conservadora em relação às mudanças do Rap nacional), responde a um questionamento a respeito no trecho transcrito abaixo:

BF: Qual sua visão sobre a música Rap brasileira atual? Você não acha que, de uns anos para cá, temos cada vez menos representados na música os valores e princípios que norteiam a cultura Hip Hop?

Renan/Inquerito: Sim, acho. A crítica ao Rap era que faltava musicalidade, hoje ele tem muito mais musicalidade e muito menos conteúdo. Porém, sempre exigimos que o Rap fosse considerado e respeitado como música, que ele fosse pareado com todos os outros estilos, hoje ele é, e sendo assim entra cada vez mais pra indústria da música, cuja maior preocupação é com o lucro e não com os princípios da nossa cultura. À medida que os moleques vão conhecendo o Rap desvinculado do Hip Hop, ou seja, a música separada da cultura, esse abismo aumenta, *é como se eles comessem o chocolate e nem soubessem que vem do cacau.*

O ponto de vista do MC demonstra um irônico problema, pois para o mesmo o fato do Rap ser tratado como os outros estilos musicais faz com que haja uma perda em seu conteúdo. A ironia se dá pelo fato de que a coisa que em seu início o Rap mais queria, ser reconhecido como um gênero musical igual aos demais. Nessa crítica é possível perceber uma forte desaprovação com a “indústria da música”.

Na visão do rapper, a “indústria da música” não estaria interessada em promover os princípios da cultura, mas sim apenas comercializar a mesma, ou seja torná-la mais palatável ao público mesmo que para isso, o Rap perca sua função social de expor a realidade, as angústias e as aspirações dos rappers.

Cumprido destacar, que nesse processo, o Rap vem sendo assimilado pela “indústria cultural”, nos termos de Adorno e Horkheimer (Escola de Frankfurt) e dialeticamente, como vem sendo também instrumento de discurso político.

Quanto à expressão “indústria cultural” Coelho (2003), pontua que Adorno e Horkheimer foram os autores do termo, entendendo que essa indústria desempenha as mesmas funções de um

⁵ Entrevista no *blog* Bocada Forte realizada por Noise D, em colaboração com James Lino, intitulada: ‘Rap de hoje tem mais musicalidade e menos conteúdo. Link: <<https://www.bocadaforte.com.br/informacao/entrevistas/entrevista-rap-de-hoje-tem-mais-musicalidade-e-menos-conteudo-renan-inquerito>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Estado fascista, estando, portanto, na base do “totalitarismo moderno”, pois promoveria a alienação do homem. Isto porque, no âmbito da “indústria cultural”, o indivíduo é levado a não meditar sobre si mesmo e sobre a totalidade de seu meio social, convertendo-se em simples brinquedo, ou seja, um mero produto alimentador do sistema capitalista.

Em contrapartida para Colima e Cabezas (2017, p.25) o discurso político: “adquire grande importância nas dimensões sociais e políticas, uma vez que é um meio que permite a manutenção da ordem estabelecida, ou a sua ruptura.”.

Este é um importante debate no universo do Rap, pois muitos se perguntam até que ponto é válido perder seu espaço como um discurso político-social para se tornar algo mais célebre perante os olhos do grande público. Observa-se desse modo, a tensão dialética entre o “Rap de denúncia” e o “Rap comercial”.

Com vistas a esta tensão dialética, cabe destacar uma demonstração do potencial comercial do Hip Hop no tocante à venda do quadro “Untitled” de Jean-Michel Basquiat por 110,5 milhões de dólares. Basquiat era um pintor estadunidense *outsider* nascido no Brooklin, Nova York, em 22 de dezembro de 1960, filho de mãe porto-riquenha que apresentou desde cedo habilidade para a arte. Basquiat ficou famoso devido aos seus grafites feitos, com seu amigo Al Diaz, em prédios abandonados em sua área, durante essa época utilizava a expressão “SAMO” (“sempre a mesma merda”) como sua assinatura em suas obras.

Aos 18 anos, Basquiat, foge de casa e abandona a escola para viver com amigos, sobrevivendo com o dinheiro proveniente de venda de camisetas e cartões postais. Anos mais tarde Basquiat se tornou um importante artista neo-expressionista, vertente artística voltada a incorporar sentimentos em suas obras, sendo possível perceber forte influência do Hip Hop e da anatomia humana em suas obras.

Figura 8 – Jean-Michel Basquiat



Fonte: Jean-Michel Basquiat: um ícone do Neoexpressionismo (2018)

Dentro do universo do Rap essa discussão tem sua relevância, pois bandas como Classe A, Modestia Parte e Rafa Moreira, são muito criticadas por suas letras, em razão da avaliação de alguns fãs e profissionais da crítica musical que as veem como “letras vazias” (sem conteúdo político), considerando-as como de “Rap comercial”. Em contraponto, bandas como Racionais MC’s, Sabotage e Facção Central são tomadas como exemplos de “Rap de denúncia”.

CAPÍTULO 4 - O RAP COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICO-POLÍTICA

Nas palavras do famoso rapper Carlton Douglas Ridenhour, mais conhecido como Chuck D, “o Rap é a CNN negra”. Frase que faz referência ao programa de televisão dos Estados Unidos “Cable News Network”, canal exclusivamente jornalístico. Pela visão do artista o Rap possui uma importante função como canal de denúncia, uma vez que diversas pessoas encontram no mesmo uma forma de relatar as ambições e a realidade vivida pelos autores.

Amaral et al (2018) utilizam a visão de audiovisual de Flusser e dos conceitos de arte criados por Benjamin e desenvolvidos por Adorno para afirmar que, o universo da escrita está em declínio, devido à forte expressividade das imagens na sociedade atual. Nesse sentido, de acordo com este autores Flusser introduz o conceito de “cultura de tecnoimagens” que seria como transformar palavras em imagens (filmes, series, fotografias, entre outros).

Analisando essa visão no contexto do Rap, não podemos dizer que “está anunciado o falecimento do universo da escrita”, pois embora a parte audiovisual retratada nos vídeoclipes e capas de álbuns seja importante, a parte escrita ainda possui um papel protagonista.

Como exemplo vale citar a música e o vídeoclipe “Fight The Power”, da banda Public Enemy, nos quais o diretor Spike Lee utilizou um protesto que acontecia nas ruas do Brooklyn chamado de “Marcha dos jovens para acabar com a violência”, que contava com numerosos moradores afro-americanos do bairro e, também com artistas famosos que acabaram por fazer parte do vídeoclipe. Destaca-se que, entre eles estava o famoso pugilista Muhammad Ali, o qual ficou conhecido não só pelas suas lutas, mas também por seu forte ativismo pela causa social.

O vídeoclipe possui uma grande importância, portanto não exclui o papel da letra, que em diversos versos expõe a situação vivida pelos artistas, denunciando o preconceito social sofrido. Com efeito, é possível observar o seguinte:

[...] Enquanto os músicos negros suam; O ritmo e as rimas rolam; Tem que dar o que nós queremos [...] É um começo, uma obra de arte; Para revolucionar, fazer uma alteração nada é estranho [...] Não, nós não somos os mesmos; Porque não conhecemos as regras do jogo; O que precisamos é consciência, não podemos começar descuidados [...] Porque eu sou negro e tenho orgulho; Estou pronto e publicado mas estou amperado [...] Poder para o povo sem demora; Para fazer todo mundo ver; A fim de lutar contra os poderes constituídos [...]

Dez anos depois é possível visualizar algo parecido com o visto anteriormente no videoclipe das músicas do álbum – “Sobrevivendo no Inferno”, do grupo Racionais MC’s. Em ambos os casos, o audiovisual foi de extrema importância, colocando os grupos em um local de destaque assim expandindo seu poder de comunicação.

Cumprir informar, que Racionais MC’s é um grupo de Rap paulista formado por três MCs, Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay. Esse grupo possui uma extrema importância para o Rap nacional, uma vez que está diretamente relacionado com o desenvolvimento do Rap no Brasil, devido a sua contribuição na história e indiretamente na influência causada no universo do Rap.

Um exemplo dessa influência direta é o rapper Emicida que em entrevista⁶ para a promoção do livro homônimo do álbum afirma que “Não é exagero nenhum dizer que se não existisse os Racionais não existiria o Emicida”.

Essa importância pode ser visualizada em diversas ocasiões, como em relatos de artistas influentes do Rap nacional ou por ter sido dado como presente ao Papa Francisco em 2015. O álbum em questão foi o responsável por colocar o Rap em um local de destaque o comparando com os outros estilos musicais antes presentes, devido ao fato de que a sua influência transpassou o universo do Rap expandindo o público e disseminando-o no Brasil.

Nas letras do referido álbum, os MCs relatam a realidade vivida nas áreas periféricas da cidade de São Paulo, expondo os problemas e falando de suas ambições. Temas recorrentes para o grupo e que tem forte marca no disco são o preconceito racial e a criminalização da pobreza como visto nos trechos da música “Negro Drama”:

[...] O drama da cadeia e favela túmulo, sangue, sirene, choros e vela [...]
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal me ver pobre, preso ou morto
já é cultural [...] Eu visto preto por dentro e por fora guerreiro poeta entre
o tempo e a memória [...] Ei, Senhor de engenho eu sei bem quem você é
sozinho, cê num guenta sozinho cê nun entra a pé [...]

Embora os Racionais MC’s sejam importantes expoentes do Rap, eles não foram os únicos, antes deles muitos MCs já utilizavam o Rap como uma forma de denúncia, entre eles

⁶ Trata-se do quarto vídeo da série: “Racionais: Sobrevivendo no Inferno por Emicida”. Neste episódio, Emicida aborda a relevância do livro – “Sobrevivendo no Inferno”, lançado pela Companhia das Letras em 1997. Link <<https://www.youtube.com/watch?v=my1Wxm4p6DY>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

temos Thaíde, Ndee Naldinho e Dina Di, que já denunciavam os absurdos vividos pelos moradores de áreas periféricas.

Pode-se dizer que atualmente o Rap brasileiro está fortemente ligado à denúncia, isso se dá por um atrelamento feito por diversos rappers ao longo do tempo. Um notável rapper que fez parte desse atrelamento foi o Mauro Mateus dos Santos Filho, mais conhecido por seu nome artístico Sabotage, que junto com outros rappers da sua época, como Rzo, MV Bill e Veredito do Gueto. Em suas letras, além de relatar a realidade periférica também fala sobre sua visão do Rap e das autoridades.

Atualmente, a cena de Rap possui diversos artistas e distintos estilos, porém ainda é perceptível na maior parte das músicas, um discurso que expõe a realidade vivida pelo rapper e suas aspirações. Há, por exemplo, o grupo de Rap “Além da Loucura”, ou como é mais conhecido ADL. Esse grupo é formado por quatro integrantes, sendo dois mc’s (Lord e DK), um DJ (Indiã) e um produtor (Thomaz). Oriundos de uma favela na cidade de Teresópolis (RJ), onde se conheceram, pois frequentaram o colégio Euclides da Cunha onde perceberam que compartilhavam o gosto pelo Rap e decidiram então criar um grupo.

Em suas letras fica claro como a infância na favela moldou estes rappers, em versos, da letra de “Da favela pro mundo”, na qual é dito: “Por que se for pra falar merda, não representar a favela não dobrava a viela e saia da minha casa”. No *blog* “Raplogia”, em outra entrevista, Lord fala sobre como seu contexto de crescimento influenciou o trabalho do grupo e o amadurecimento pessoal:

Em primeiro lugar, saber separar trabalho de convívio, a lealdade, o respeito entre nós integrantes e aos nossos fãs, a dedicação ao ajudar o amigo em situações pessoais ou de trabalho. A vida na comunidade nos direcionou pra uma linha de Rap que não vende, mas que é real e nos agrada, por saber que retratamos além da nossa, a verdade de muitos moradores daquele lugar, o sofrimento, os simples prazeres e o poder de superação sempre.

E ainda nessa entrevista, o artista DK comenta sobre a importância do Rap na sua vida e na de diversos jovens periféricos moradores de favela como alternativa ao “mundo do crime”:

Quando a gente só tinha esse caminho a seguir. Quando a gente foi prova viva que o rap salvava vidas. Sem orgulho nenhum em falar isso, mas trabalhamos

no tráfico, tanto eu quanto Lord, durante anos. Mas quando começamos a trabalhar com nossas músicas, a gente teve que escolher entre o crime e o Rap. Não dava mais pra cantar com revólver na cintura com medo de morrer e nem parar o ensaio pra vender pó. Cansados de ver nossos irmãos favelados indo presos ou mortos, ou andar vegetando nas praças viciados em drogas, percebemos que a gente não tava sendo antissistema traficando, a gente tava apenas se colocando a mira deles, entrando na fila dos próximos que iam morrer como indigente. Mas mesmo já com destino traçado e programado o rap veio e colocou uma arma nas nossas mãos, o microfone. E muita poesia como munição! Largamos o crime e a pichação pra virar não uma estrela mais sim uma arma de denúncia, ADL virou porta voz do nosso morro!

Como pode ser vista na resposta do cantor, o Rap serviu para ele como outra perspectiva de vida uma vez que nele os artistas conseguiram encontrar uma forma honesta de ganhar a vida e se expressar.

Figura 9 – Mcs do grupo Alem da Loucura (Lord e DK)



Fonte: Rexeita colabora com projeto 'Favela Vive' do trio de rap ADL (2018)

De fato, o Rap mudou a vida de um sem-número de pessoas ao longo do tempo. Em um documentário produzido por Pedro Fávero, "O Rap pelo Rap", na primeira parte diversos MCs e pessoas envolvidas com neste contexto discorrem sobre o significado do Rap para elas. Dentre os inúmeros depoimentos alguns se destacam, por demonstrar como este gênero musical moldou os artistas e foi importante para a vida de cada entrevistado.

CAPÍTULO 5 – NOTAS METODOLÓGICAS

Na busca de compreender o Rap enquanto expressão artístico-político, bem como a tensão existente entre o “Rap de denúncia” e “Rap comercial”, adotou-se a metodologia qualitativa por ser mais adequada para identificar significados e intencionalidades que os rappers dão ao seu trabalho artístico, isto é, em que medida o produzem como mero “produto cultural” ou “denúncia”.

A utilização de lestras de música, filmes, vídeos, principalmente documentários e entrevistas do universo Rap, extraídas de *blogs* especializados mostrou-se fundamental para acessar o discurso e práticas que dão sentido à expressão artística dos rappers.

A teoria que embasa a proposta metodológica do presente estudo está refletida na produção a respeito da socióloga Cecília Minayo. Nesse sentido, é possível destacar o trecho seguinte:

(...) não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e a suas construções, na medida em que estruturas sociais, nada mais são que ações objetivadas. O nível de consciência histórica das Ciências Sociais, está referenciado ao nível de consciência histórica social (MINAYO, 1988, p.14).

Em outra publicação metodológica Minayo (1996) afirma que em uma abordagem qualitativa, a preocupação está menos concentrada na generalização, e mais no aprofundamento e abrangência da compreensão, seja de um grupo social, organização, instituição, representação ou de uma política.

O estudo monográfico foi estruturado então, procurando apresentar um panorama histórico, no sentido de contextualizar o surgimento do Rap nos EUA, dando destaque a sua origem no Brasil, particularmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, objetivando compreender a tensão existente entre o “Rap de denúncia” e “Rap comercial” foi elaborado o capítulo acerca da comercialização do Rap.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil é possível visualizar o processo conhecido como criminalização da pobreza. Esse processo consiste em associar a condição socioeconômica de algum indivíduo com ações criminosas, tornando assim, a condição de baixa renda associada à criminalidade. Como exemplo tem o fato de que constitucionalmente a pena de um condenado pode ser ampliada pela simples localidade da apreensão.

Na sociedade brasileira há frequentemente casos, como o destacado na matéria: “Morar em favela do Rio é agravante em condenação por tráfico de drogas⁷”, da Folha de São Paulo, a qual informa que o atrelamento de dois crimes pode aumentar a pena do acusado por um período de 3 a 10 anos.

Um estudo da Defensoria Pública do Estado do Rio que analisou 3.745 processos de tráfico de 2014 e 2015 revela que, em 75% dos casos que somam os dois crimes, a justificativa foi o fato de o local da apreensão ser dominado por facção criminosa. Em seguida, com 56%, vem a acusação de porte de rádio-transmissor ou de arma. A súmula 70 do Tribunal de Justiça do Rio estabelece que o depoimento do policial basta como elemento de prova para a condenação criminal. Em 54% dos casos, foi a principal prova utilizada pelo juiz.

Em um país onde a segregação é institucionalizada, a parcela vulnerável da sociedade precisa achar meios para se defender, e muitos encontram na música uma forma de expressar as injustiças vivenciadas pelos mesmos ou por terceiros, e com isso surgem diversos problemas. Um dos problemas é o preconceito formado para com essas músicas em questão.

Com o Rap não é diferente, por ser um gênero musical que desde sua origem está atrelado a um forte discurso político de resistência sofreu por este preconceito desde os seus primórdios, o que atrapalhou e atrapalha o desenvolvimento dessa expressão artístico-política e cultural. Atualmente, embora essa imagem tenha sido alterada parcialmente com o tempo, ainda é presente na sociedade.

⁷ Matéria de Amanda Lemos, Daniel E. de Castro e Natália Portinari. Link: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/morar-em-favela-do-rio-e-agravante-em-condenacao-por-trafico-de-drogas.shtml>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

Ao fazer essa monografia tinha como intuito estudar o Rap como uma forma de expressão, para que com isso possibilitasse outro entendimento do mesmo pela parcela da sociedade, que ainda possui o pensamento atrelado ao preconceito e discriminação. Para desenvolver o tema em questão separei aspectos que acreditava ser importantes no diálogo, que acabaram por se tornar os capítulos da monografia.

Acreditei ser importante começar expondo a história do Rap, essa que por sua vez está fortemente atrelada ao Hip Hop, para que se tivesse o entendimento de sua origem e do contexto de surgimento do mesmo tanto no contexto mundial, quanto no contexto nacional. Para escrever esse capítulo utilizei diversos autores a fim de tornar o estudo mais próximo à realidade, entre eles utilizei o livro “Acorda Hip-Hop” escrito por Leal, no qual ele relata a história do Hip-Hop em uma linha cronológica de fatos.

Porém, senti necessidades de procurar outras fontes a fim de enriquecer o trabalho, entre eles utilizei dos conhecimentos do livro “O Funk e o Hip-Hop invadem a cena” e dos documentários “O som do Tempo”, “L.A.P.A.”, “Robble kings” e “Hip-Hop Evolution”.

No segundo capítulo tinha como intenção apresentar e discorrer sobre a discussão sobre a que ponto a comercialização do Rap é válida, levando em consideração que com sua comercialização o mesmo apresenta censuras em relação ao conteúdo, o que poderia ser visto como uma perda de sua essência como movimento de protesto. O tema em questão divide opiniões, pois uma parcela dos indivíduos que entram nessa discussão acha que há uma evidente perda de um discurso político nas letras e entendem isso como algo negativo, outra parcela afirma que com o maior alcance de suas poesias mais pessoas entram em contato com as ideias expostas pelo autor.

Para finalizar possuía o intuito de falar sobre a importância do Rap focando em sua capacidade de ser um discurso político. Como em todo trabalho procurei utilizar entrevistas de pessoas envolvidas no universo do Rap, que relatavam como foi importante em suas vidas como, por exemplo, a fala do rapper Criolo:

O verbo é falho. Os símbolos, os signos é tudo falho para expressar sentimento. Qualquer coisa que eu venha a falar do rap eu vou diminuir ele. Não estou à altura de falar do rap, mas eu posso te dizer que foi o bagulho que me abraçou e falou que eu era capaz de sorrir, e sorrir no mundo de hoje é algo extremamente agressivo.

Ao desenvolver o tema aprendi muito sobre o Rap, sua história e desdobramentos, e hoje em dia percebo que devido a sua complexidade, apresenta diversas temáticas associadas, sendo que sua importância para a sociedade como um todo, ou seja, o tema em questão deve ser mais estudado para que com o passar do tempo sejam desconstruídos preconceitos formados perante sua imagem e que, mais pessoas possam encontrar no mesmo, uma forma de se expressar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Monica G. T. do. Do Cinema de Vanguarda ao Videoclipe dos Racionais MC's: uma discussão a partir de Vilém Flusser, Walter Benjamin T. W. Adorno. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v.11, n. 24, p. 111-126, jan./mar. 2018.

COELHO, T. **O que é indústria cultural (Col. Primeiros Passos)**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

COLIMA, L. e CABEZAS, D. Análise social do Rap social como discurso político de resistência. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (2), p. 24-44, mai./ago, 2017.

DICIO-DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Verbetes [Musicalidade] e [Harmonioso]**. Acesso em 03 dez 2018. Link: <<https://www.dicio.com.br/musicalidade/>>.

FERNANDES, J. A. **Através do meu canto, o morro tem voz: o discurso de resistência cultural no Rap de Flávio Renegado**. Dissertação de Mestrado. Três Corações: Universidade do Vale do Rio Verde de Três Corações, 2018.

GOHN, M. da G. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2009, 2 ed.

HERSCHMANN, M. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, [s.d.]. Disponível em: <<https://michaelherschmann.files.wordpress.com/2013/05/o-funk-e-o-hip-hop-invadem-a-cena.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

LEAL, S. **Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

LOUREIRO, B. **O ativismo de rappers e o “progresso intelectual de massa”:** uma leitura gramsciana do Rap no Brasil. Rev. HISTEDBR On-line, Campinas, v. 17, n. 2 [72], p. 419-447, abr./jun., 2017.

MINAYO, M. C., 1996. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 4ª ed., 1996.

_____, Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Minayo, Maria Cecília (org.), Petrópolis: Vozes, pp. 9-29, 10ª ed., 1988.

SILVA, T. A. da. O Panorama Histórico do Hip Hop. IN: PRONKO, Marcela (org.). **Iniciação Científica na Educação Profissional em Saúde: articulando trabalho, ciência e cultura (Vol. 8)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, pp., 563-592, 2014.

TUPAC MONTH: 2PAC'S DISCOGRAPHY. XXI. 16/09/2011. Disponível em: <<http://www.xxlmag.com/news/2011/09/tupac-month-2pacs-discography/>>. Acesso em: 14 dez. 2018

WACQUANT, L. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZENI, B. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 225–241, abr. 2004.

SOBRENOME, Nome. Título da matéria. Nome do jornal, cidade de publicação, dia, mês e ano. Seção (se houver). Disponível em: <URL>. Acesso em: dia, mês e ano.

MEDICI, Cássio. Rexepeita colabora com projeto ‘Favela Vive’ do trio de rap ADL. StreetWearBrasil, 9 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://streetwearbr.com/2018/08/rexepeita-colabora-com-projeto-favela-vive-do-trio-de-rap-adl.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018>.

ROMERO, Rafael. SPFW – “Hoje é o dia da favela invadir o fashion week!”, mandou Emicida na estreia da Lab. Galerias, 25 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2016/10/25/spfw-hoje-e-o-dia-da-favela-invadir-o-fashion-week-mandou-emicida-na-estreia-da-lab/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018>.

DARREN, Boyle. ‘I ain’t touch this brother whatsoever’: Hip-hop pioneer Afrika Bambaataa denies sexually abusing teenage boys in his New York home during the 1980s, 13 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-3588757/Hip-hop-pioneer-Afrika-Bambaataa-denies-sexually-abusing-two-teenage-boys-1980s-New-York.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

ERICK BADANAI. Erick Badanai, 2018. Racionais Mc’s – Sobrevivendo no Inferno. Disponível em: <<http://erickbadanai.com.br/disco/racionais-mcs-sobrevivendo-no-inferno/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

GRAFITTI. Grafitares, 2018. Jean-Michel Basquiat: um ícone do Neoexpressionismo. Disponível em: <<https://blog.grafittiartes.com.br/jean-michel-basquiat-um-icone/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018

DISCO FURADO. Disco Furado, 2014. V.A. “Tiro Inicial” (Radical Records, 1993). Disponível em: <<http://discofurado.blogspot.com/2014/11/va-tiro-inicial-radical-records-1993.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018

CHRISTOPHER, Davis. Visit ‘Hip-Hop Boulevard,’ Dj Kool Herc’s childhood home, 11 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://globalspin365.com/visit-hip-hop-boulevard-dj-kool-hercs-childhood-home/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018

FILMOGRAFIA

Hip-Hop *Evolution*. Direção: Darby Wheeler, Sam Dunn, Produção: Darby Wheeler, Sam Dunn, Scot McFadyen e Rodrigo Bascuñan. Canadá: Banger Films.

O RAP PELO RAP. Direção: Pedro Henrique Fávero. Produção: Pedro Henrique Fávero. Brasil: O Rap pelo Rap.

O SOM DO TEMPO. Direção: Arthur Moura. Produção: Gabriel Moreno, Brasil: 202 Filmes.

RUBBLE KINGS. Direção: Shan Nicholson. Produção: Michael Aguilar, Dito Montiel e Shan Nicholson. Estados Unidos: Saboteur Digital.